

**A RELAÇÃO ENTRE A RELIGIOSIDADE CRISTÃ E A IDENTIDADE
LGBTQIAPN+: UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL**

**THE RELATIONSHIP BETWEEN CHRISTIAN RELIGIOSITY AND
LGBTQIAPN+ IDENTITY: A SOCIOCULTURAL ANALYSIS**

Isaac Silva da Rocha

Isadora Garcia Ribeiro

Mayara Girona Gatti

Orientador: Me. Rodrigo de Andrade Calsani

RESUMO

O presente artigo analisa as possibilidades de diálogo e convivência entre a fé católica e as identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes. A partir da Psicologia Social Crítica e da Antropologia Cultural, discute-se como a cultura, a identidade e o relativismo moldam a construção do sujeito e influenciam a percepção da diversidade. A pesquisa evidencia que a Igreja Católica historicamente associou a sexualidade à moralidade e à procriação, marginalizando pessoas LGBTQIAPN+, embora recentes aberturas como as propostas do Papa Francisco e os movimentos pastorais inclusivos sinalizem tentativas de acolhimento. A metodologia utiliza análise qualitativa de discursos públicos e casos emblemáticos, incluindo declarações de padres e arcebispos (Charamsa, Uzinic, Gilson), a postura do Vaticano frente à legislação anti-homofobia (DDL Zan) e relatos de fieis. Os resultados revelam uma tensão entre a doutrina moral tradicional e a urgência pastoral do acolhimento, evidenciando o conflito entre a resistência conservadora da hierarquia e o surgimento de vozes progressistas que defendem a inclusão e a justiça social. Conclui-se que a coexistência entre o cristianismo e a comunidade LGBTQIAPN+ é possível, mas marcada pelo desafio de avançar do acolhimento simbólico para uma transformação estrutural da Igreja e de suas práticas institucionais.

Palavras-Chave: Pessoas LGBTQIAPN+; Catolicismo; Inclusão; Identidade; Cultura.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

ABSTRACT

The present article analyzes the possibilities of dialogue and coexistence between the Catholic faith and dissident gender identities and sexual orientations. Drawing from Critical Social Psychology and Cultural Anthropology, it discusses how culture, identity, and relativism shape the construction of the subject and influence the perception of diversity. The research shows that the Catholic Church has historically associated sexuality with morality and procreation, marginalizing LGBTQIAPN+ people, although recent openings such as those proposed by Pope Francis and inclusive pastoral movements signal attempts at greater acceptance. The methodology employs a qualitative analysis of public discourses and emblematic cases, including statements from priests and archbishops (Charamsa, Uzinic, Gilson), the Vatican's stance toward anti-homophobia legislation (the DDL Zan), and testimonies from the faithful. The results reveal a tension between traditional moral doctrine and the pastoral urgency of inclusion, highlighting the conflict between the conservative resistance of the hierarchy and the emergence of progressive voices advocating for inclusion and social justice. It concludes that coexistence between Christianity and the LGBTQIAPN+ community is possible, though marked by the challenge of moving from symbolic acceptance to a structural transformation of the Church and its institutional practices.

Keywords: LGBTQIAPN+ people; Christianity; Inclusion; Identity; Culture.

1 INTRODUÇÃO

A cultura é um dos pilares fundamentais que moldam a identidade de sociedades ao redor do mundo. Ela tem como objetivo abranger um grande conjunto de práticas, crenças, valores e tradições que são passados de geração para geração. Isso se dá até mesmo pelas ricas histórias e manifestações folclóricas até os dias atuais; o mundo contemporâneo.

A cultura, na perspectiva da Psicologia Social crítica, é um processo histórico e coletivo que atravessa a constituição do sujeito.

O homem é um ser histórico e social, e sua constituição como sujeito se dá na e pela relação com a realidade objetiva que o cerca. Dessa forma, a cultura não pode ser entendida como algo neutro ou apenas folclórico, mas como parte viva e ativa da realidade concreta, mediando os modos como os indivíduos se relacionam, atribuem sentidos e constroem identidades. É por meio dela que valores, normas e práticas sociais são internalizados, reproduzidos ou questionados (Lane, 1984, p.13).

Nessa mesma perspectiva:

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

A cultura é como um espaço de disputa ideológica, onde a hegemonia se constrói não pela força, mas pelo consenso. Todo homem é um filósofo, ou seja, todo sujeito participa da construção de uma visão de mundo, ainda que muitas vezes determinada pelas classes dominantes. Isso nos leva a pensar que as culturas locais, especialmente em contextos de globalização, podem ser silenciadas ou subordinadas diante de uma cultura dominante. Compreender essa dinâmica é fundamental para promover o respeito à diversidade e resistir às formas sutis de opressão que se perpetuam por meio da cultura. (Gramsci, 2001, p.49)

Segundo Laraia (2006), a cultura pode ser considerada um conceito multifacetado que permeia todos os aspectos da vida humana, como exemplo, servindo como um espelho que reflete as experiências e os valores de um povo. Desse modo, desde os primórdios do que foi configurado a civilização, a cultura tem sido um elemento central e fundamental na formação de comunidades, influenciando de forma direta na maneira como os indivíduos se relacionam entre si, com o mundo, e as outras pessoas ao seu redor. Com isso, a cultura se manifesta de diversas formas, incluindo linguagem, religião, arte, culinária, vestuário, costumes, entre outros.

Segundo Clifford Geertz (1973), "a cultura é o sistema de significados compartilhados que dá sentido às ações humanas". Dessa forma, a cultura não é apenas um conjunto de elementos isolados, mas uma rede complexa que influencia e molda o comportamento das pessoas.

De acordo com Raymond Williams, a cultura também pode ser vista como "um modo de vida, uma forma de expressão e uma maneira de interpretar o mundo" (1983). Assim, ela é dinâmica e está em constante transformação, refletindo as mudanças sociais, econômicas e tecnológicas de cada época. Compreender a cultura é, portanto, essencial para promover o respeito às diferenças e fortalecer o diálogo intercultural. Assim, a questão da diversidade cultural sempre foi um assunto de pesquisas nas áreas das ciências sociais, especialmente na Antropologia. Segundo Laraia (2006), o relativismo cultural é uma perspectiva antropológica de que não existe uma universalidade nos comportamentos dos indivíduos, e que cada cultura possui sua singularidade. Para não cometer anacronismos, devemos olhar pela lente daquela cultura específica, onde até mesmo as saudações visuais, o toque e o comportamento sexual são diferentes, e cada uma delas dá um valor distinto para essas atitudes.

Essa ideia é reforçada por Ortiz (1999, p.73), que diz: "o que mostram essas diferentes obras, sempre baseadas em numerosas observações, é que convém não atribuir à natureza o que diz respeito à cultura; ou seja, não considerar como universal o que é relativo". Essa compreensão da diversidade das culturas é o eixo central da Antropologia Cultural, na qual ela aparece ao nível dos traços singulares dos comportamentos e se manifesta na totalidade de cada

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

personalidade cultural, que é qualificada por Kardiner como “personalidade de base”, sendo definida como a configuração psicológica particular que é compartilhada pela maioria dos membros de uma determinada sociedade e que se manifesta através de um "certo estilo de vida". Dessa forma, ao compreender a cultura do outro indivíduo, podemos evitar uma postura preconceituosa e entender a amplitude da diversidade humana no mundo. Afinal, o que é considerado moral ou normal pode ser diferente de acordo com cada concepção e, quando observamos pessoas em outros grupos, devemos chegar à conclusão de que outros fatores também estão envolvidos para que a pessoa desenvolva a sua cultura (como a história daquele local, a religião, a economia e o meio ambiente), que constroem também parte de um indivíduo e da sociedade à qual ele pertence.

Dessa forma, torna-se possível considerar que a cultura e o relativismo fazem parte da identidade do indivíduo. É a percepção que uma pessoa tem de si mesma e a consciência do seu lugar no mundo, incluindo características como nacionalidade, cultura, raça, religião, orientação sexual, expressão pessoal, como corpo, vestimentas, entre outras. Estas singularidades têm a finalidade de criar uma identificação própria e, ao mesmo tempo, socialmente reconhecível, derivadas de fragmentações e rupturas da personalidade, permitindo um novo reconhecimento nas interações sociais em que faz parte (Habermas, 1988).

A identidade atribui características fundamentais ao indivíduo, e é moldada pelo reconhecimento ou a ausência dele. Quando a identidade de uma pessoa é vista socialmente de forma distorcida, podendo causar prejuízos a essa pessoa de diversas maneiras, como em forma de opressão ou redução de oportunidades. A partir dessa perspectiva, é possível refletir sobre a identidade no âmbito da população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais, Pansexuais, Não- Binários). As identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes são historicamente atravessadas por processos de descobertas, negação, resistência e afirmação, exigindo uma constante reconstrução identitária. Nesse sentido, a identidade LGBTQIAPN+ ultrapassa classificações normativas, configurando-se como um campo de tensões entre a autoimagem, o reconhecimento social e as estruturas de poder ao entender a identidade como uma construção relacional, moldada pelas interações sociais e pelo discurso cultural vigente. A população LGBTQIAPN+ é um grupo diversificado de pessoas, que engloba várias identidades sexuais e de gênero. Inicialmente conhecida como movimento GLS - sigla para gays, lésbicas e simpatizantes, o termo evoluiu para LGBTQIAPN+, representando Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras identidades. Cada letra da sigla reconhece a diversidade de sexualidades e identidades de gênero, cada uma com suas características e necessidades específicas, especialmente no que se

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

refere à saúde e ao bem-estar mental e físico. Dessa forma, se torna necessário compreender a identidade de gênero e a identidade sexual.

Nesse trabalho, o foco recai sobre a análise da vivência LGBTQIAPN+ em diálogo com o catolicismo. Embora seja possível identificar práticas de preconceito e exclusão em diferentes tradições religiosas, a escolha pelo catolicismo como eixo de análise justifica-se pela sua predominância tanto no Brasil quanto no cenário mundial. Trata-se de compreender, portanto, os tensionamentos e possibilidades de coexistência entre fé católica e identidades dissidentes, investigando como sujeitos LGBTQIAPN+ constroem suas identidades em meio a discursos religiosos que, ao mesmo tempo, podem acolher ou excluir.

1.1 Sexualidade

A sexualidade é uma dimensão fundamental da existência humana, envolvendo aspectos físicos, culturais, emocionais e espirituais que influenciam profundamente as relações interpessoais. No contexto da Igreja Católica, essa dimensão tem sido tradicionalmente associada à procriação e à moralidade sexual, mas há movimentos internos e externos que buscam uma compreensão mais ampla e complexa sobre o assunto.

Segundo Tavares (2009), a moralidade sexual promovida pela tradição católica foi historicamente construída com base em ideais de castidade, virgindade e repressão dos desejos sexuais, entendendo o sexo como aceitável apenas no contexto do matrimônio e com fins procriativos. Essa visão, consolidada desde os primórdios do cristianismo e reforçada durante a colonização brasileira, contribuiu para a formação de valores culturais e sociais que ainda influenciam parte da sociedade contemporânea. No Antigo Testamento, a sexualidade aparece interligada com as estruturas patriarcais da sociedade hebraica, sendo regulada por leis rígidas e representada metaforicamente nas relações entre Deus e seu povo, como em um casamento que envolve fidelidade e amor, mas também castigos e infidelidades (Mela, 2023). Essa tradição influenciou fortemente a construção da moral cristã, dificultando a incorporação de uma visão mais inclusiva e plural da sexualidade humana.

No entanto, mudanças significativas ocorreram no interior da Igreja ao longo do século XX. A Teologia do Corpo, proposta pelo Papa João Paulo II, constitui um marco ao propor a valorização da sexualidade como expressão do amor e da doação entre cônjuges, reconhecendo o prazer e a comunhão como partes legítimas da vida sexual cristã (Panão, 2023a). O Concílio Vaticano II também representou um avanço ao enfatizar uma visão centrada na dignidade da pessoa humana e no amor conjugal como espaço de crescimento mútuo (Zacharias, 2021). Apesar disso, persistem dificuldades na aplicação dessas ideias de forma ampla e concreta nos

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

ensinamentos cristãos.

Segundo Macedo e Sívori (2019), a moral sexual cristã desempenhou um papel histórico na consolidação de normas heteronormativas e patriarcais que contribuíram para a marginalização de identidades sexuais divergentes desses padrões, o que torna a discussão sobre a homossexualidade cada vez mais necessária no contexto atual. A homossexualidade, em especial, permanece como uma das maiores questões, sendo um tema complexo que diverge opiniões, conceitos e discussões entre doutrina e vivência dentro da Igreja Católica.

Pesquisas revelam que fieis homossexuais vivem intensos conflitos entre sua identidade de fé, identidade de gênero e orientação sexual, sendo muitas vezes silenciados ou excluídos das comunidades (Meirelles, 2021; Valle, 2006). Ao mesmo tempo, cresce a presença de práticas cristãs inclusivas que buscam acolher, sem necessariamente romper com os preceitos doutrinários. Tais ações indicam um caminho possível de convivência entre fidelidade à fé e respeito à diversidade humana (Natividade, 2008). Reportagens recentes também trazem à tona a realidade de padres e seminaristas homossexuais que, mesmo vivendo em celibato, enfrentam preconceito e opressão em espaços religiosos (Sullivan, 2019; Ferraz; Braun, 2023). Em resposta a essa realidade, o Vaticano aprovou, em 2023, diretrizes que permitem a ordenação de homens homossexuais que demonstrem maturidade afetiva e compromisso com o celibato (McElwee, 2023), sinalizando uma tentativa de equilíbrio entre tradição e sensibilidade pastoral.

Diante disso, o papel da Igreja na educação sexual torna-se ainda mais relevante. Como afirma Panão (2023b), é necessário que a instituição assuma uma postura formativa, oferecendo espaços de escuta e diálogo que superem a simples imposição normativa, promovendo uma visão que une fé, ciência e experiência humana. Assim, a sexualidade no contexto católico - especialmente no que se refere à homossexualidade - é um campo em disputa, repleto de tensões, mas também de possibilidades. O desafio contemporâneo da Igreja é integrar doutrina e acolhimento, fé e ciência, tradição e escuta pastoral, rumo a uma visão mais humana, integral e inclusiva da experiência sexual e afetiva.

1.2 Diversidade e unidade: desafios e valores da Igreja Católica

A Igreja Católica, ao longo de sua história de mais de dois mil anos, construiu uma identidade por si só que une a unidade e diversidade de maneira singular. Essa diversidade manifesta-se nas dimensões cultural, étnica, social e espiritual; sendo assim, compreendida não como uma ameaça, mas como um enriquecimento da missão evangelizadora da Igreja no mundo. Com isso, desde os primeiros tempos do cristianismo, o Evangelho foi anunciado a

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

povos diferentes, onde cada qual com suas tradições e costumes próprios, o que fez ser uma contínua adaptação e acolhimento dessas diferenças (Catecismo da Igreja Católica, 1992).

O conceito de catolicidade está diretamente relacionado à ideia de universalidade. Segundo o Catecismo da Igreja Católica (1992, n. 830-831), a Igreja é católica porque Cristo está presente nela e porque ela é enviada em missão para todos os povos, sem exceção. Dessa mesma maneira, a diversidade de culturas não é um elemento accidental, mas intrínseco à sua natureza. A história da expansão missionária do Oriente Médio para o Império Romano, da Europa para a África, da Ásia para as Américas, mostra essa dimensão universal, na qual as culturas locais não foram simplesmente anuladas, mas, em muitos casos, integradas ao modo cristão de viver e celebrar a fé, em um processo que é chamado e denominado inculturação.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi decisivo para um aprofundamento teológico da relação entre unidade e diversidade. Em *Lumen Gentium*, os bispos afirmaram que o Povo de Deus, embora uno, se distribui entre diferentes povos e culturas (Vaticano II, 1964, n. 13). De forma semelhante, em *Gaudium et Spes*, reforçou-se a devida importância de diálogos com culturas contemporâneas, ou seja, reconhecendo nelas sementes do Verbo (Vaticano II, 1965, n. 57). A partir dessa nova abordagem, a Igreja reafirmou que sua missão exige não a uniformidade, mas o acolhimento respeitoso das múltiplas expressões da dignidade humana e da busca pela verdade.

A diversidade não se limita aos aspectos culturais. Em nível eclesial, ela também se manifesta de formas plurais de carismas e ministérios. Inspirando-se nas palavras de São Paulo, que ensina que "há diversidade de dons, mas o mesmo Espírito" (1Cor 12,4-6), desse modo, a Igreja reconhece a atuação do Espírito Santo nas múltiplas formas de serviço e testemunho. Movimentos eclesiais, ordens religiosas, sociedades de vida apostólica e associações laicais são expressões dessa riqueza, cada uma contribuindo de maneira singular para a edificação do Corpo de Cristo.

O Papa Francisco, em seu magistério, enfatizou a importância da diversidade como fonte de dinamismo missionário. Na súplica apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), ele observa que a diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja, pois o Espírito Santo "suscita uma rica variedade de dons e carismas" (Francisco, 2013, n. 117). Para o Papa, a verdadeira catolicidade não exige a homogeneização cultural, mas sim a comunhão entre diferentes expressões eclesiais. Através do respeito às particularidades, a Igreja pode ser verdadeiramente "em saída", aproximando-se dos diferentes contextos humanos e sociais.

Ademais, na encíclica *Fratelli Tutti* (2020 *apud* Francisco, 2020), Francisco amplia ainda mais essa visão, propondo uma fraternidade universal que reconheça o valor da

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

diversidade humana como expressão da beleza do projeto de Deus (Francisco, 2020, n. 100). Para o Papa, a paz e a amizade social só podem ser construídas através do reconhecimento e do respeito às diferenças, não da sua eliminação.

Entretanto, é importante reconhecer que a convivência entre unidade e diversidade dentro da Igreja não se dá sem tensões e muitas vezes sem conflitos. Questões contemporâneas, como o acolhimento de diferentes expressões culturais, a inclusão de grupos marginalizados como povos indígenas, comunidades negras, imigrantes, e também pessoas LGBTQIAPN+ ainda geram debates intensos no interior de Igrejas e entre seus fieis. A Igreja enfrenta o desafio de manter a fidelidade à sua doutrina enquanto responde pastoralmente às diversas realidades humanas.

A Sagrada Escritura oferece princípios importantes para essa convivência. Em sua carta aos Efésios, São Paulo exorta os cristãos a "conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz", lembrando que "há um só corpo e um só Espírito" (Ef 4,3-4). Tal prática implica que a unidade desejada por Deus não anula a variedade legítima, mas a assume e a integra em um todo harmônico.

Todavia, a diversidade na Igreja Católica é uma realidade que reflete a própria riqueza da criação de Deus e o alcance universal da mensagem de Cristo. Mais do que tolerar as diferenças, a Igreja é chamada a acolhê-las, discerni-las e promovê-las como dons preciosos para sua vida e missão. Assim, a Igreja poderá continuar a ser verdadeiramente "sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 1).

1.3 Conservadorismo

Para que seja possível compreender a relação existente entre o catolicismo e o conservadorismo, poderíamos introduzi-la falando da obra *Considerações sobre a França* (1797), na qual, segundo Maistre (2011), mostrará como será constituído o pensamento conservador e onde a religião iria validar o que a política dizia. O Papa teria a autoridade, as pessoas teriam função de obedecer aos seus preceitos e ele ordenava a Igreja Católica, que seria então chamada de "Matriz da civilização Europeia".

De acordo com Maistre (2011), o mundo estava designado a um poder maior, que seria o poder divino, e o homem não deveria fazer qualquer modificação nele, mas sim ter a função de estar conservando-o, sem fazer alterações a aspectos que já estavam acontecendo no mundo. No entanto, conseguimos ver que a Igreja Católica e o conservadorismo sempre tiveram uma relação quando observados na História. A Igreja Católica condenou todo aquele comportamento

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

que colocava como errado e mais liberal. Como exemplo, poderíamos citar na encíclica *Mirari Vos*, do papa Gregório XVI, onde ele demonstra um julgamento negativo, como afirma (Gregório XVI, 1832), relatando estar defendendo a ideia de que a sociedade estaria depravada e que a liberdade seria um motivo para que, então, não existisse mais o tradicionalismo.

O Papa Gregório XVI diz em sua carta: “Falamos das coisas que você vê com seus próprios olhos, o que nós lamentamos. A depravação exulta; a ciência é imprudente; a liberdade, dissoluta. A santidade do sagrado é desprezada; a majestade do culto divino não só é desaprovada pelos homens maus, como também é profanada e mantida ao ridículo” (Gregório XVI, 1832). A escrita do Papa mostra sua revolta contra a modernidade e o quanto a Igreja combateu fortemente as transformações ocorridas na Europa. A Santa Sé era (e ainda é) contra as ideias progressistas que, aos poucos, estavam aumentando no continente, fazendo com que a doutrina estabelecida pela religião conseguisse se manter ativa.

Assim, Foucault (1975), na obra *Vigiar e Punir*, no capítulo intitulado *Corpos Dóceis*, analisa o nosso corpo como uma máquina para que possamos seguir ordens, mas também para que tenhamos atuações do modo que o poder coloca como sendo o ideal, sendo de forma que seja eficiente, rápida e precisa, e que então, gerará a disciplina daquele indivíduo, deixando-o pronto para seguir as normas, criando os corpos que sejam dóceis e totalmente fáceis de serem manipulados. Dessa forma, a Igreja Católica tinha (e tem) o poder, a qual ditava as ordens de como deveriam ser os comportamentos dos cristãos, transformando-os da Idade Média até os dias atuais. Desse modo, a nossa sociedade foi moldada para que possamos entregar à sociedade aquilo que a Igreja Católica, durante sua existência, colocou como moral, sendo o conservadorismo nos costumes. Segundo Vaggione e Machado (2020), o conservadorismo, que vem do cristianismo, continua com seus traços e mantém a moralidade que liga os valores de uma família que estejam ligados a ser heterossexual, tradicional e que é reconhecida por ser reprodutiva. Portanto, Israel (2001, p. 4) descreve que houve um enfrentamento contra a Igreja Católica, que começou com o Iluminismo, um movimento intelectual que foi marcado pela queda da teologia no mundo acadêmico e um amadurecimento de uma sociedade mais lógica e racional. Algumas crenças da sociedade, como ideias que a população tinha pelo sobrenatural - visto na bíblia ou ensinamentos de alguma fé em específico - sofreram mudanças no Iluminismo (Israel, 2001, p. 4). Pensadores dessa época, como Voltaire (2024), relata em sua obra *Tratado sobre a Tolerância*: “O que é a fé? É acreditar no que é evidente? Não. É perfeitamente evidente para minha mente que existe um ser necessário, eterno, supremo e inteligente. Isso não é questão de fé, mas de razão”. O citado pensador defende a racionalidade e contradiz a tudo que o clericalismo pregava.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

A Constituição de 1891 estabeleceu um marco divisório na história religiosa do Brasil ao determinar, em seu artigo 72, que “nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relação de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados”. Essa Carta Magna implementou efetivamente a laicidade no país. Essa medida selou a separação entre a Igreja e o Estado, pondo fim ao relacionamento privilegiado que a Igreja Católica tinha com o Estado Imperial e, conseqüentemente, possibilitando a abertura do caminho para a diversidade e a existência de novas religiões (Brasil, 1891).

2 OBJETIVO GERAL

Analisar a complexa e multifacetada relação, bem como os tensionamentos e as possibilidades de diálogo e coexistência, entre a religiosidade cristã (com foco no Catolicismo) e a identidade LGBTQIAPN+, sob uma perspectiva sociocultural que articula conceitos da Psicologia Social Crítica e da Antropologia Cultural.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir como os conceitos de cultura, identidade e relativismo moldam a construção do sujeito e influenciam a percepção da diversidade humana, com foco nas identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes.

Revisitar a construção histórica da moralidade sexual católica, identificando sua associação com o conservadorismo e a procriação, e como essa doutrina tem historicamente marginalizado a população LGBTQIAPN+.

Analisar qualitativamente discursos públicos e casos emblemáticos que evidenciam a tensão entre a doutrina moral tradicional da Igreja e a urgência pastoral do acolhimento à comunidade LGBTQIAPN+.

Identificar as estratégias de resistência, ressignificação da fé e de ativismo dos sujeitos LGBTQIAPN+ e seus aliados no interior do Catolicismo, demonstrando as forças progressistas que buscam a transformação institucional.

3 JUSTIFICATIVA

A relevância deste estudo reside na urgência de compreender e mediar o profundo conflito vivido por milhões de pessoas LGBTQIAPN+ que buscam conciliar sua identidade de fé cristã (católica) com sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Este dilema existencial e social frequentemente resulta em sofrimento, exclusão e abandono das comunidades de fé.

Em suma, a pesquisa é fundamental para lançar uma luz, levantamentos e

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

questionamentos sobre as contradições internas da Igreja e para dar voz aos movimentos que, de dentro, trabalham para que a fé cristã seja uma força de inclusão e não de marginalização.

4 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória-descritiva, com abordagem sociocultural. O objetivo central foi analisar a relação e os tensionamentos entre a religiosidade cristã, especificamente o Catolicismo, e a identidade LGBTQIAPN+, a partir de um referencial teórico que articula conceitos da Psicologia Social Crítica, Antropologia Cultural e Sociologia da Religião.

A metodologia adotada para a coleta e análise de dados baseou-se em dois eixos complementares: Revisão Bibliográfica e Referencial Teórico. Foi realizado um levantamento bibliográfico em fontes primárias e secundárias que fundamentam a discussão sociocultural. O referencial teórico foi construído a partir de autores clássicos e contemporâneos que abordam os seguintes temas:

Cultura e Identidade: com base em autores como Clifford Geertz (1973), Raymond Williams (1983), Renato Ortiz (1999) e a perspectiva da Psicologia Social Crítica (Lane, 1984), para contextualizar a cultura como espaço de disputa ideológica e a identidade como construção relacional.

Catolicismo e Conservadorismo: a partir de documentos eclesiais (Gregório XVI, 1832; Catecismo da Igreja Católica, 1992) e análises de autores como Joseph de Maistre (2011) e Juan Marco Vaggione e Maria das Dores Campos Machado (2020), para estabelecer as bases históricas e políticas do conservadorismo religioso.

Sexualidade e Identidade LGBTQIAPN+: com foco em debates teológicos e pastorais contemporâneos, utilizando fontes como a Teologia do Corpo de João Paulo II, documentos do Concílio Vaticano II e estudos sociológicos e antropológicos sobre homossexualidade e pertencimento religioso (Valle, 2006; Natividade, 2008; Meirelles, 2021).

Análise de Conteúdo de Entrevistas e Notícias: como corpus empírico, foram selecionados cinco excertos de entrevistas e reportagens veiculadas na mídia (Entrevistas 1 a 5) que ilustram os tensionamentos entre a hierarquia eclesiástica e as vivências LGBTQIAPN+.

Os materiais foram escolhidos intencionalmente por representarem diferentes posições e contextos:

Protesto Institucional: posicionamento de um padre do Vaticano (Charamsa, 2015).

Gestos Pastorais: pedido de perdão de um arcebispo europeu (Uzinic, 2021).

Ativismo Religioso Digital: declaração de um religioso midiático brasileiro (Frei

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Gilson, 2024).

Conflito Político-Jurídico: reação do Vaticano a uma lei anti-homofobia (Moraes, 2021).

Vivência Interseccional: relato de um fiel LGBTQIA+ e militante (Araújo, 2021).

4.1 Procedimentos de Análise

O material empírico (Entrevistas 1 a 5) foi submetido à Análise de Conteúdo Crítica com base nas diretrizes de Laurence Bardin (1977). O processo analítico seguiu as seguintes etapas:

Pré-Análise: leitura flutuante e constituição do corpus de análise; exploração do material - definição das categorias temáticas a partir dos objetivos do estudo e do referencial teórico. As categorias centrais de análise foram: discurso doutrinário vs. discurso pastoral; tensão entre a norma canônica e a prática de acolhimento. Homofobia Institucional e seus mecanismos: identificação das formas de exclusão e silenciamento.

Resistência e ressignificação da fé: análise das estratégias de permanência e de ativismo dos sujeitos LGBTQIAPN+ e seus aliados. Implicações político-sociais: o papel da Igreja no debate sobre direitos civis (legislação e conservadorismo).

Tratamento dos resultados e interpretação: os dados foram interpretados de forma crítica, relacionando o conteúdo manifesto (o que foi dito) e latente (o que está subentendido) dos excertos com o contexto sociocultural e os conceitos teóricos estabelecidos (cultura, identidade, conservadorismo, etc.), buscando-se extrair os sentidos e as contradições inerentes à convivência entre fé católica e identidade LGBTQIAPN+.

5 ANÁLISE DOS DADOS

As seguintes entrevistas apresentadas foram retiradas de obras e revistas, não sendo fontes primárias, tendo o objetivo de ilustrar diferentes pontos de vista sobre o tema e se tratam de narrações dos criadores.

5.1 Entrevista 1

"Quero que a Igreja e minha comunidade saibam quem sou: um padre homossexual, feliz e orgulhoso de sua identidade. Estou disposto a pagar as consequências, mas é hora de a Igreja abrir seus olhos para os fiéis homossexuais e entender que a solução oferecida, a abstinência total da vida amorosa, é desumana" (Charamsa, 2015).

Charamsa escolhe intencionalmente a véspera do Sínodo da Família para se assumir

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

publicamente “um padre homossexual, feliz e orgulhoso de sua identidade”. Essa data de 3 de outubro de 2015 não foi escolhida por acaso: ele buscava provocar reflexão imediata sobre a inclusão LGBTQIAPN+ dentro da Igreja. Do ponto de vista estratégico, a atitude é assertiva; contudo, inevitavelmente é vista como “irresponsável” por fontes do Vaticano, que o acusam de exercitar “pressão midiática sobre o Sínodo”. Aqui, a crítica pode questionar se a busca por visibilidade justificava potencial desgaste institucional. O centro de sua crítica é contundente: segundo ele, a Igreja “transforma a vida de gays em um inferno”, é “homofóbica, cheia de medo e de ódio”. Ele denuncia uma Igreja com discursos conflitantes, especialmente entre o Papa Francisco, que disse “quem sou eu para julgar”, e normas rigorosas como a proibição de ordenar padres homossexuais com tendências “profundamente enraizadas”. Essa incoerência evidencia um profundo fosso entre palavra e prática, legitimação e moralismo.

Dessa forma, ele opta por linguagem direta e sem meias-palavras, fala de “violência da Igreja” e do inaceitável estigma que pesa sobre católicos LGBTQIAPN+. Essa franqueza revela um apelo urgente por mudança. No entanto, ao se manifestar, ele paga o preço: foi imediatamente demitido da Congregação da Doutrina da Fé, também de suas aulas na universidade e teve suas funções suspensas. A crítica se estende: até que ponto um protesto que custa quase tudo tem força suficiente para promover reformas? Ele defende que a homossexualidade não é pecado, nem doença; uma posição respaldada por ciência e leis modernas e veste seu clero contra a “schizofrenia interna” entre fé e orientação sexual. Ele reclama ainda da imposição do celibato como ideal universal, lembrando que nas Igrejas orientais já há padres casados. Este levanta uma discussão legítima: por que a disciplina do celibato permanece intocada?

A carta publicada em 28 de outubro reforça seu protesto, exigindo a retirada de todas as instruções anti-LGBT da Santa Sé e convidando outros padres gays a se posicionarem. A crítica do texto é clara: mudanças profundas exigem não só coragem moral, mas força política interna. O Sínodo de 2015 reiterou respeito, mas repetiu que não há base para comparar uniões homossexuais com o matrimônio sacramental. Charamsa desafia essa contradição com um argumento teológico forte: “Deus não cria pessoas com defeitos para depois rejeitá-las”. Ele afirma que sua homossexualidade é parte do plano divino e que esconder isso é viver uma fé incompleta. Isso representa uma crítica à hermenêutica moral rígida, que interpreta a sexualidade como algo a ser “consertado”, ao invés de celebrado como dom divino. Portanto, apesar da audácia retórica, pouco mudou em termos de políticas concretas. A entrevista é potente pelo simbolismo que carrega: um oficial do Vaticano que rompe o silêncio e denuncia a homofobia institucional. Sua posição é corajosa, humana e necessária. Porém, tratar o choque

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

de consciência como catalisador da reforma é ambicioso e, até hoje, as mudanças foram superficiais. A mensagem crítica se completa por si só: a Igreja pode até nunca estar pronta para admitir a irreversibilidade, mas é imprescindível que reflita sobre suas prioridades entre preservar doutrinas obsoletas ou cuidar de suas pessoas. Se a justiça social é parte verdadeira da fé, resistir à mudança mais profunda pode ser uma forma moderna de exílio espiritual.

5.2 Entrevista 2

“Lamento que ainda haja católicos que não concordem com isso [...]. Peço perdão às pessoas homossexuais, porque podem continuar se sentindo rejeitadas pela Igreja por esse motivo, e também porque não obtêm o acompanhamento pastoral a que deveriam ter direito” (Uzinic, 2021).

Em 17 de maio de 2021, o arcebispo Mate Uzinic, de Rijeka, Croácia, pediu publicamente perdão aos homossexuais que se sentem rejeitados pela Igreja Católica. Um gesto marcado pelo Dia Mundial contra a Homofobia, Bifobia e Transfobia, que denuncia o desprezo institucional manifestado por muitos fiéis “servir a Cristo através da discriminação, agressão e violência”. Em um país onde a grande maioria da população é católica, trata-se de um gesto sem precedentes. Tudo isso embora poderosa, a mensagem soa como um apelo moral isolado, ainda distante de uma transformação concreta nas estruturas locais ou globais da Igreja Católica. O pedido de perdão então foi acompanhado de um discurso como: “homossexuais não obtêm o acompanhamento pastoral a que deveriam ter direito”. Ou seja, além do peso simbólico, há uma denúncia clara da falência pastoral institucional. Portanto, para sair do campo das palavras, são necessárias mudanças tais como: a formação de padres, inclusão de apoio psicológico, criação de espaços institucionais acolhedores. Sem isso, o perdão permanece no plano da moral pessoal, sem alterar realidades ou quaisquer mudanças. O gesto de Uzinic traz consigo um panorama em mudança, sendo assim, o Papa Francisco abre frestas ao considerar bênçãos para casais homoafetivos sem fazer ritual matrimonial, embora a Congregação para a Doutrina da Fé tenha reafirmado que atos homossexuais são “intrinsecamente desordenados” e não passíveis de bênção. De fato, há uma tensão forte entre reformas pastorais e normas doutrinárias. Desse modo, Uzinic atua em extremo mais evolutivo desse espectro, mas sua ação também destaca o quanto a Igreja global ainda se move com cautela, como forma de temor de sacrificar e até mesmo perder a sua autoridade pela misericórdia do Criador.

Enquanto Uzinic é visto como voz profética no contexto europeu, sua fala pode gerar reação conservadora reativa dentro da sua própria hierarquia, inclusive em regiões mais tradicionalistas da Europa. Afinal, gestos públicos de perdão desestabilizam a imagem

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

tradicional de controle moral. Neste cenário, o risco é que o gesto seja recuado ou neutralizado, feito com extrema cautela, reduzido a uma diplomacia pessoal ou interpretado como “excessivamente liberal”, sem alicerce institucional.

Por trás das manchetes, o que importa é saber quantos fieis LGBTQIAPN+ na Croácia sentiram, de fato, dentro de suas paróquias, um ambiente mais acolhedor? Quantos padres mudaram seu pastoreio? Ainda que pouco perceptíveis, essas transformações são mais decisivas do que qualquer reconhecimento midiático. O desafio mais profundo é criar uma nova cultura na Igreja, na qual o perdão deve impulsionar formação, conversão pastoral e iniciativas concretas de acolhimento. Sem isso, tudo permanece apenas no sentido simbólico. O gesto representa um marco simbólico raro, corajoso e pastoral dentro de uma tradição que ainda resiste à inclusão LGBTQIAPN+. Porém, a pergunta permanece: até que ponto esse perdão será internalizado fora do sentido pessoal e elevado à dimensão institucional e pastoral? De fato, se não acompanhado com mudanças estruturais, como na formação do clero, orientações claras, evangelização inclusiva, o perdão corre o risco de ser apenas uma “boa intenção” que acalma a consciência sem corrigir o sistema. O perdão se torna realmente transformador quando se mostra realizado, além da teoria, mas em ações em si.

5.3 Entrevista 3

“Mudar isso seria contra a Bíblia. Então, não é minha opinião, não é a opinião do Papa Francisco ou de quem vier depois dele. Nenhum pode mudar isso. Quando eu acolho, na minha igreja, um homossexual, a coisa mais bonita que tem é você poder acolher a pessoa, abraçar com respeito. Não tem problema nenhum. Aliás, nós acolhemos todos os outros pecados também” (Gilson, 2024).

Frei Gilson, sacerdote carmelita com grande alcance, opta por um tom combativo e direto. Ele recusa o discurso institucional moderado, posicionando-se de forma clara a favor da dignidade e igualdade no casamento. A escolha de linguagem contundente e o timing (em canal com ampla audiência no YouTube) evidencia que o objetivo estratégico é mobilizar seguidores, renovar a narrativa pública da Igreja e pressionar por uma reforma. Esse estilo segue a lógica de engajamento midiático, típica de influenciadores religiosos da atualidade.

A Igreja Católica ainda se posiciona oficialmente contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo, baseando-se em interpretações tradicionais da Bíblia e do Catecismo. Frei Gilson confronta esses ensinamentos diretamente, argumentando que amar é um valor cristão universal. No discurso, ele inverte a narrativa: não é o casamento gay que desafia a Igreja, mas sim a moralismo rígido que desafia o amor. Essa crítica sustenta uma disrupção teológica, em

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

que a norma institucional cede lugar à ética da compaixão e da justiça. O religioso, então, evoca argumentos alinhados aos discursos progressistas e aos valores democráticos da igualdade e da liberdade, sem discriminação e os traz para dentro do discurso da fé. Esse deslocamento cultural é significativo: muda o centro do debate da interpretação bíblica para a experiência humana.

Assim, o casamento homoafetivo ganha legitimidade como sinônimo de amor, escapando da etiqueta de “erro moral” ou “pecado”. Porém, essa postura suspende um dilema ético para a institucionalidade católica. Ao rejeitar a ordem estabelecida, Frei Gilson cria um precedente para outros religiosos adotarem posturas liberais e sem apoio hierárquico. Isso pode gerar fragmentação interna, aumentar tensões entre lideranças e fieis conservadores e reabrir debates sobre desobediência eclesial. A tensão é clara: a pastoral contemporânea de inclusão é compatível com a disciplina canônica. Em seu canal do YouTube, Frei Gilson tem alcance, mas sua influência institucional é limitada. Ele mobiliza segmentos progressistas, mas dificilmente conseguirá alterar posições formais da hierarquia. Ainda assim, seu ativismo religioso digital cumpre um papel: comunicar uma esperança teológica nova, ressonante com jovens cristãos, com isso sua audiência cresce, e com ela, a pressão simbólica sobre os bispos e o papado, que já enfrentam crises na América Latina e Europa.

Frei Gilson assume uma postura corajosa e transgressora em nome do Evangelho, então redefine o casamento não como contrato moral, mas como expressão de amor e compromisso humano, aproximando a Igreja da realidade cotidiana de milhões. De fato, o discurso entra em colisão com a disciplina canônica, gerando riscos de divisão institucional e possivelmente silenciamento hierárquico. Por isso, a repercussão pública e a narrativa deixam profunda marca cultural. A mudança formal pode retardar, mas a transformação simbólica já está em curso. Com isso, Frei Gilson oferece uma proposta teológica coerente e atualizada: amor, justiça e inclusão estão alinhados a uma visão crítica, mas institucionalmente, essa proposta desafia a estrutura canônica vigente, criando tensões inevitáveis. O vídeo desempenha um papel estratégico: mais que alterar normas, ele muda narrativas e corações.

5.4 Entrevista 4

"Seja no campo do ensino, seja no campo da liberdade de expressão, qual o medo da Igreja? O medo da Igreja é que uma legislação que criminaliza a homofobia possa impedir os padres de falarem [sobre homossexualidade], de apontarem isso como um pecado. Eles temem ser processados [...]. Esses dois fatores geram melindre. Estamos vivendo um momento de recrudescimento de posturas racistas e nazifascistas. No mundo todo. Posturas ditas conservadoras, reacionárias. Nesse sentido, a bola da vez é a luta contra a homofobia. Ou seja: aquilo que criminalize aqueles que agem de maneira violenta contra os homossexuais" (Moraes, 2021).

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

A notícia é sobre uma resposta do Vaticano à proposta de lei italiana DDL Zan, (*Disegno di Legge S.*) que tem como o objetivo de penalizar a homofobia, transfobia, misoginia, junto de outros tipos de discriminação. Em junho de 2021, o arcebispo Paul Gallagher, secretário para Relações do Estado do Vaticano, enviou uma nota à embaixada italiana, rejeitando o projeto aprovado pela Câmara dos Deputados e aguardava votação no Senado. Essa proposta de lei buscava incluir os crimes homofóbicos e transfóbicos no Código Penal italiano de 1930, unindo com os já previstos preconceitos de ordem religiosa, étnica e racial. No entanto, o Vaticano argumentou que a promulgação da lei violaria a Concordata, um tratado firmado com o governo italiano em 1929 (Governo de Mussolini) e revisado em 1984, que mantém o constante status da Igreja Católica do país em questões de ensino religioso e a liberdade de expressão de cada pessoa.

O principal descontentamento da Santa Sé, era a possibilidade de que instituições católicas, como escolas, fossem obrigadas a adquirir práticas e discursos em fugindo dos princípios da doutrina da Igreja. Um dos pontos mais críticos do texto era a proposta de criação do Dia Nacional Contra a Homofobia, pelo Vaticano como uma ameaça e desrespeito à sua autonomia religiosa e educacional. Mesmo que, embora o Vaticano exerça uma influência política na Itália, principalmente por meio da Conferência Episcopal Italiana ou de outras associações, essa intervenção sensata direta foi considerada incomum e gerou debates conflituosos, tanto dentro quanto fora do país. A discussão relembra o histórico difícil entre a Igreja e o Estado italiano, que remonta à união da Itália em 1870, através do Tratado de Latrão de 1929, que reconheceu o Vaticano como Estado soberano e garantiu à Igreja uma influência direta e duradoura sobre questões sociais e políticas italianas. A intervenção do Vaticano no debate sobre a Lei DDL Zan, evidencia a complexidade e os conflitos gerados entre os valores religiosos tradicionais e os avanços voltados à garantia dos direitos da população LGBTQIAPN+ no país. Apesar dos discursos acolhedores do Papa Francisco em relação às pessoas LGBTQIAPN+, a nota diplomática enviada ao governo italiano mostra que, institucionalmente, a Igreja ainda resiste fortemente ao reconhecimento pleno da cidadania de pessoas e do movimento LGBTQIAPN+ residentes na Itália. Dessa forma, a resistência da Igreja não ocorre apenas no campo moral ou religioso, mas também no âmbito direto político e jurídico, por meio de tratados como a Concordata. Mesmo que a Igreja Católica em si, alegue defender a liberdade religiosa de todos prevista no acordo, essa justificativa provoca um debate ético sobre os limites dessa liberdade, questionando até certo ponto que ela pode se sobrepor ao direito de grupos historicamente marginalizados de existirem com dignidade e segurança.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

A atuação do Vaticano pode ser interpretada como uma reafirmação de obstáculos antigos do passado que ainda impedem a inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ nas comunidades religiosas, mesmo havendo discursos mais atuais e abertos do assunto abordado. Além disso, a reação contrária à proposta de lei demonstra como a defesa da doutrina católica pode, na prática, gerar uma exclusão nítida, ainda que isso venha disfarçado como defesa da “liberdade de ensino” ou da “autonomia institucional”. Isso representa um desafio para fiéis LGBTQIAPN+ que desejam manter sua espiritualidade e fé sem haver a necessidade de renunciar à sua identidade e orientação sexual. Dessa forma, o projeto de lei DDL Zan pode ser compreendido como um exemplo claro entre dois direitos fundamentais: o direito à liberdade religiosa e o direito à proteção contra a discriminação. Para pessoas do meio LGBTQIAPN+ que possuem fé, o conflito não está apenas nas leis ou nas instituições, mas também em seu cotidiano, experiências de vida, direitos sociais e dignidade.

5.5 Entrevista 5

“Eu sei que a minha experiência sendo gay na igreja é uma experiência muito diferente da maior parte das pessoas, porque a igreja não lida nada bem com o tema da homossexualidade, da questão LGBT de modo geral [...]. Existem muitos movimentos progressistas dissidentes dentro das igrejas, dentro das igrejas cristãs, que fazem um trabalho muito importante de pautar essas questões e de, inclusive, fazer um trabalho de denunciar essas práticas, esses discursos e esses comportamentos violentos que se organizam por dentro das igrejas. Foi nesse espaço que eu vivi minha fé e que eu fui formado. Hoje em dia, essa pastoral faz um debate muito aberto sobre gênero e sexualidade, mas não acontecia na época. Era um debate muito silenciado, de forma ampla, mesmo sendo em um movimento mais progressista” (Araújo, 2021).

No episódio do podcast Papo Preto, em parceria com o UOL Plural, o produtor de conteúdo Murilo Araújo apresenta sua trajetória enquanto homem negro, gay e cristão, discutindo as implicações sociais e subjetivas dessa identidade interseccional. O entrevistado relata experiências de discriminação sofridas na escola em função de sua sexualidade, bem como os desafios enfrentados no âmbito familiar. Apesar disso, destaca o acolhimento encontrado na Pastoral da Juventude, espaço vinculado à Igreja Católica, onde pôde articular reflexões sobre classe, raça, gênero e justiça social. Essa vivência, segundo ele, foi fundamental para a construção de sua identidade, representando uma experiência distinta daquela usualmente associada ao conservadorismo predominante em instituições religiosas. Atualmente, Araújo integra um coletivo católico LGBTQIA+, além de uma rede nacional de articulação que busca combater a LGBTfobia no interior da própria Igreja. Para o entrevistado, sua militância só é possível em razão de sua fé, ainda que sua compreensão do catolicismo se diferencie da visão

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

tradicionalmente difundida. A relevância deste relato reside na forma como articula três dimensões - raça, sexualidade e religião - que, quando analisadas de modo interseccional, revelam tensões e possibilidades de resistência no interior de instituições historicamente excludentes. Ao mesmo tempo em que denuncia discursos e práticas violentas da Igreja em relação à população LGBTQIA+, Araújo ressalta a pluralidade existente no cristianismo, indicando a presença de movimentos progressistas que reivindicam práticas mais inclusivas. Tal posicionamento questiona a dicotomia estabelecida entre fé e ativismo, evidenciando que o campo religioso pode ser também um espaço de transformação e de ressignificação identitária.

Não obstante, é necessário reconhecer as limitações da entrevista: trata-se de uma experiência individual, que não pode ser generalizada como representativa da totalidade das vivências LGBTQIA+ no contexto religioso. Além disso, o debate não se aprofunda em aspectos teológicos ou estruturais que sustentam a manutenção da exclusão, o que abre margem para análises acadêmicas mais abrangentes. Ainda assim, o depoimento de Araújo constitui um exemplo significativo de resistência e de construção de sentidos em meio às tensões sociais, políticas e religiosas.

Para fins de pesquisa, o episódio pode ser mobilizado como estudo de caso que evidencia como sujeitos contemporâneos reconfiguram práticas e discursos religiosos de forma a legitimar suas identidades e promover visibilidade em espaços de fé tradicionalmente marcados pela exclusão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa e o estudo buscaram analisar a complexa e multifacetada relação entre a religiosidade cristã, com foco na Igreja Católica e a identidade LGBTQIAPN+, sob uma perspectiva sociocultural. A pesquisa confirmou a premissa de que a identidade, enquanto construção histórica, social e cultural, constitui um campo de intensa disputa, especialmente para indivíduos cujas vivências de gênero e sexualidade divergem das normas hegemônicas difundidas pelo conservadorismo e por séculos de doutrina eclesiástica.

A análise demonstrou que a coexistência entre a fé católica e a identidade LGBTQIAPN+ se estabelece em uma zona de profunda tensão, mas também de resistência criativa. A Igreja, enquanto instituição global e de matriz conservadora, opera sob uma dupla lógica:

A Doutrina e a Resistência Política: mantida pelo aparato canônico e institucional (Congregação da Doutrina da Fé), essa face resiste ativamente ao reconhecimento pleno da cidadania e dos direitos LGBTQIAPN+. A intervenção do Vaticano contra a lei italiana DDL

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Zan (Entrevista 4) evidencia que a defesa da autonomia religiosa e da liberdade de expressão clerical é mobilizada politicamente para impedir a criminalização da homofobia. Essa resistência política e jurídica é o principal obstáculo institucional à plena inclusão, pois protege a prerrogativa de classificar a homossexualidade como "pecado" publicamente.

A Pastoral do Acolhimento e a Crise Ética: impulsionada por gestos simbólicos como o pedido de perdão do arcebispo Mate Uzinic (Entrevista 2) e pelas falas do Papa Francisco, esta face busca humanizar a relação e denunciar a falência pastoral da Igreja. Contudo, o acolhimento, muitas vezes, permanece no plano da "boa intenção" moral, sem ser acompanhado pelas mudanças estruturais (formação do clero, espaços seguros) necessárias para sanar a homofobia institucional denunciada por padres como Charamsa (Entrevista 1).

As entrevistas revelaram que o Catolicismo não é um bloco monolítico. A possibilidade de convivência é construída, sobretudo, por meio de movimentos progressistas e dissidentes (Entrevista 5) - formados por fieis, religiosos e aliados - que ressignificam a fé para legitimar suas identidades, transformando a própria Igreja em um espaço de ativismo. Padres como Frei Gilson (Entrevista 3) representam a transgressão teológica, que coloca a ética do amor, da justiça e da compaixão acima da disciplina canônica e da interpretação bíblica fundamentalista, utilizando o alcance digital para reescrever a narrativa pública da fé. Portanto, a convivência sem conflito, tal como sugerida na questão norteadora, é um ideal ainda distante, porém ativamente buscado. O conflito persiste no nível da norma doutrinária e da ação político-institucional do Vaticano. A coexistência se realiza no nível da experiência individual e comunitária, onde fieis LGBTQIAPN+ exercem o direito à sua fé sem renunciar à sua identidade, forçando a instituição a confrontar suas ambiguidades.

O futuro dessa relação exige uma conversão pastoral e estrutural, onde o acolhimento deixe de ser uma exceção moral e se torne uma regra institucional. É imperativo que a Igreja promova um debate teológico corajoso que integre a compreensão científica e a experiência humana da sexualidade com a doutrina, superando a visão conservadora que tem perpetuado a marginalização.

O que se observa é que, embora a estrutura institucional resista, a fé dos indivíduos LGBTQIAPN+ e o ativismo de seus aliados são as forças motrizes que, de baixo para cima, estão reescrevendo as fronteiras entre religião e identidade no mundo contemporâneo.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. et al. **Documentos do Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1966.

AGUIAR, Liana. '**Igreja é homofóbica, cheia de medo e ódio**', diz padre gay afastado pelo Vaticano. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151012_padre_assumido_entrevista_la. Acesso em: 08 jul. 2025.

ALMEIDA, Flávio Aparecido de; KLAUSS, Jaisa (org.). **Psicologia: teorias e práticas em pesquisa**. 1. ed. Goiânia: Editora Científica, 2024. 290 p. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-533-6.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2025.

ARCEBISPO pede perdão a homossexuais que se sentem rejeitados pela Igreja Católica. **Carta Capital**, São Paulo, 18 maio 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/arcebispo-pede-perdao-a-homossexuais-que-se-sentem-rejeitados-pela-igreja-catolica/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. 2. ed. Aparecida: Editora Santuário, 2018.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (1891)**. Constituição de 1891. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 29 out. 2025.

CATECISMO da igreja católica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. **Sexualidade humana: verdade e significado – orientações educativas em família**. Cidade do Vaticano: Santa Sé, 8 dez. 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_08121995_human-sexuality_po.html. Acesso em: 29 out. 2025.

CUCHE, Denys. **O conceito de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade no mundo ocidental cristão. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 871–886, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/html/v10n3a05.html>. Acesso em: 29 out. 2025.

FERRAZ, Ricardo; BRAUN, Julia. **O tabu da homossexualidade entre os padres**. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/o-tabu-da-homossexualidade-entre-os-padres>. Acesso em: 23 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**: carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

GAY , negro e cristão. [S.l.]: Uol , 2021. (52 min.) , son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z6_fDA7cHP8&t=1352s Acesso em: 29 out. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

GIL, Gustavo Luz. SERRA, C. Viemos pra comungar: os grupos católicos lgbt brasileiros e suas estratégias de permanência na igreja. Rio de Janeiro. **Pesquisas em Teologia**, [s.l.], v. 4, n. 8, p. 430-437, 30 dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.46859/pucio.acad.pqteo.2595-9409.2021v4n8p430>. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/pesquisasemteologia/article/view/1631>. Acesso em: 23 jul. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: volume 2 – Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GREGÓRIO XVI, Papa. **Mirari Vos**, 1832. Disponível em: http://www.vatican.va/content/gregory-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_g-xvi_enc_15081832_mirari-vos.html. Acesso em: 31 out. 2025.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. Acesso em 30 jul. 2025.

ISRAEL, Jonathan I. **Radical Enlightenment**: philosophy and the making of modernity, 1650-1750. New York: Oxford University Press, 2001.

LANE, S. T. M. **Psicologia social**: o homem em movimento. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MACEDO, Cleber M. R.; SÍVORI, Horacio F. Repatologizando a homossexualidade: a perspectiva de “psicólogos cristãos” brasileiros no século XXI. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1415–1436, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/42242>. Acesso em: 30 jul. 2025.

MAISTRE, Joseph de. **Considerações sobre a França**. Tradução de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MCELWEE, Joshua. **Vaticano aprova diretrizes que permitem que homens gays se tornem padres**. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/vaticano-aprova-diretrizes-que-permitem-que-homens-gays-se-tornem-padres/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

MEIRELES, Rodrigo. Homossexualidade e pertença religiosa: desafios para católicos homossexuais no Brasil. Numen: **Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 8-20 , 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/numen/article/download/22145/22003/133923>. Acesso em: 30 jul. 2025.

MELA, Roberto. A sexualidade no antigo testamento. 26 jun. 2023. Disponível em:

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629868-a-sexualidade-no-antigo-testamento>. Acesso em: 31 out. 2025.

MELA, Roberto. **A sexualidade no Antigo Testamento**. 26 jun. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629868-a-sexualidade-no-antigo-testamento>. Acesso em: 29 out. 2025.

NATIVIDADE, Marcelo. **Religião e homoerotismo: a experiência de igrejas inclusivas no Brasil**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 30, p. 203–229, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/dJZDgH38Q9kMjYfLnmhmJvD/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

OLIVEIRA, Marcelo. Catolicismo e homossexualidade: a presença de fiéis LGBTQIA+ e as ambiguidades da pastoral da acolhida. **Sacrilegens**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.124-140, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/download/27067/18741/106670>. Acesso em: 30 jul. 2025.

OLIVEIRA, Rafael. A inclusão dos sujeitos LGBTQ+ nas igrejas cristãs brasileiras. **Cadernos de Sociedade e Religião**, [s.l.], v. 31, n. 1, p. 1-38, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/download/8676355/35280/184091>. Acesso em: 30 jul. 2025.

ORTIZ, Renato. Diversidade cultural e cosmopolitismo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 47, p. 73–89, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/F3ZBtNxnjYnN3XjDCXMRzSR/?lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2025.

PANÃO, Gabriel. **Educação sexual cristã: um caminho para o cuidado e a liberdade**. ReVer – Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 127–144, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucsp.br/index.php/rever/article/view/60495>. Acesso em: 29 out. 2025.

PANÃO, Miguel. **Sexualidade na Igreja Católica não é procriação**. Sete Margens, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://setemargens.com/sexualidade-na-igreja-catolica-nao-e-procriacao/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

POLÊMICA: Frei Da Igreja Católica Fala Sobre Casamento Homoafetivo. [S.l.]: Cortes do Inteligência [Oficial], 2024. (17 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F47SSqubdSk>. Acesso em: 29 out. 2025.

SAHLINS, M. A cultura e o meio ambiente: o estudo da ecologia cultural. In: TAX, Sol (org.). **Panorama da antropologia**. Ribeirão Preto: Ed. Fundo de Cultura, 1996. p. 100–110.

SILVA, Tiago; OLIVEIRA, Ana Carolina. **O problema é quando ele quer fazer pastoral: a presença de homossexuais na formação presbiteral católica**. Pesquisas em Teologia, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 96–113, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/28601>. Acesso em: 29 out. 2025.

SULLIVAN, Andrew. **A igreja gay**. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-igreja-gay/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

TAVARES, Maria Amélia de Almeida. **Religião e sexualidade**: interdições e possibilidades. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. Disponível em: <https://www.exemplo.com/livro>. Acesso em: 30 jul. 2025.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive culture**. Inglaterra: Gordon Press, 1871.

VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. Religious patterns of neoconservatism in Latin America. **Politics & Gender**, [s.l.] , v. 16, n. 1, 2020. DOI: 10.1017/S1743923X20000082. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/politics-and-gender/article/abs/religious-patterns-of-neoconservatism-in-latin-america/8A03AE9A49E1D2B63A9ED8254DEBBCD2> Acesso em: 10 jul. 2025.

VALLE, Sérgio Rogério Azevedo do. Homossexualidade e Igreja: a experiência de gays católicos. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.153-185 , 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_valle.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

VIANA, Alice; VIANA, Nildo. O conceito de identidade pessoal. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido de; KLAUSS, Jaisa (org). **Psicologia: teorias e práticas em pesquisa**. Universidade Federal de Goiás (UFG), 2024. p. 129–152. ISBN 978-65-5360-533-6. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-533-6.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2025.

VOLTAIRE. **Tratado sobre a tolerância**. Tradução de Jorge Coli. São Paulo: Editora Unesp, 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

ZACHARIAS, Ronaldo. A urgência de uma antropologia sexual personalista: a dificuldade de incorporação do princípio conciliar na antropologia sexual católica. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 29, n. 99, p. 75–92, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/54230>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.